

Candace Bushnell

VERÃO NA CIDADE

NA

Sexo, romance e rock'n'roll na Big Apple

A saga de Carrie Bradshaw continua...



«As fãs vão adorar!»

Booklist

OFICINA
DO LIVRO

Ficha Técnica

Título original: Summer and the City

Título: Verão na Cidade

Tradução: Maria João da Rocha Afonso

Autor: Candace Bushnell

Design de capa: Carlos Miranda / Oficina do Livro

Revisão: Sofia Graça Moura

ISBN: 9789895559268

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2011, Candace Bushnell

e Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: info@oficinadolivro.leya.com

www.oficinadolivro.leya.com

www.leya.pt

Este livro é uma obra de ficção. As personagens, incidentes e diálogos nasceram da imaginação da autora e não devem ser considerados reais. Qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas, vivas ou mortas, não passa de mera coincidência.

Para Alyssa e Deirdre

PRIMEIRA PARTE

Sorte de Principiante

CAPÍTULO UM

Primeiro, Samantha pede-me que lhe descubra o sapato. Quando o encontro dentro do lava-louça, convida-me para uma festa.

- Já agora podes vir, uma vez que não tens mais onde ir e não me apetece ficar a tomar conta de bebés.

- Não sou um bebé.

- *Okay*. És uma pita. Seja como for - continua, ajustando o sutiã de seda enquanto se contorce e se enfia dentro de um vestido de *Lycra* verde - , já foste assaltada. Se fores raptada por um chulo, não quero ficar com a responsabilidade.

Gira sobre si própria e olha para a minha roupa - um casaco de tecido leve, azul-marinho, e calças a condizer que até algumas horas antes eu considerara bastante chique.

- Só tens isso?

- Tenho um vestido de *cocktail* preto, dos anos sessenta.

- Veste-o. E põe isto. - Atira-me um par de óculos de aviador dourados. - Dão-te um ar normal.

Não pergunto o que significa normal enquanto vou atrás dela e descemos com estrépito os cinco lanços de escada até à rua.

- Regra número um - declara, avançando para o meio do trânsito. - Põe sempre um ar de quem sabe para onde vai, mesmo que não saibas.

Levanta a mão, fazendo parar um carro com uma grande chiadeira de pneus.

- Avança depressa. - Dá um murro no tejadilho do carro e faz um gesto obsceno ao motorista. - E usa sempre sapatos que te deixem correr.

Corro mesmo atrás dela pela corrida de obstáculos que é a Sétima Avenida e chego ao outro lado como um naufrago que descobre terra.

- E, valha-me Deus, essas sandálias de cunha. Fora - grita Samantha, lançando aos meus pés um olhar desdenhoso.

- Sabias que a primeira sandália de cunha foi inventada pelo Ferragamo para a jovem Judy Garland?

- Como raio sabes tu isso?

- Sou uma fonte de informações inúteis.

- Então vais sair-te lindamente nesta festa.

- Quem dá a festa? - grito, tentando fazer-me ouvir por cima do barulho do trânsito.

- David Ross. O encenador da Broadway.

- E por que dá uma festa às quatro da tarde de um domingo? - desvio-me de uma carrinha de cachorros, um carrinho de supermercado cheio de cobertores e uma criança presa por uma trela.

- É um chá dançante.

- Vão servir chá? - Não percebo se está a falar a sério.

Ri-se.

- Que achas?

A festa é numa casa cor-de-rosa escuro na extremidade de uma rua calcetada. Por uma abertura entre dois edifícios consigo ver o rio, inchado e castanho sob os reflexos da luz do sol.

- O David é muito excêntrico - avisa Samantha, como se a excentricidade fosse um traço mal visto aos olhos de uma

recém-chegada da província. - Na última festa, houve uma pessoa que trouxe um cavalo miniatura, que lhe cagou o tapete Aubusson todo.

Finjo saber o que é um tapete Aubusson em troca de mais informações acerca do cavalo.

- Como é que o levaram até lá?

- De táxi - diz Samantha. - Era um cavalo muito pequeno. Hesito.

- O teu amigo David não se importa? Que tu me leves?

- Se não se importa com um cavalo miniatura, não vejo como tu o possas incomodar. A menos que sejas um estorvo ou uma maçadora.

- Posso ser maçadora, mas um estorvo nunca.

- E essa coisa de vires de uma cidadezinha. Esquece - diz.

- Em Nova Iorque, precisas de um número.

- Um número?

- O que és, mas melhor. Enfeita - conclui com um gesto de mão quando nos detemos à frente da casa. Tem quatro andares e a porta azul está convidativamente aberta de par em par, revelando uma multidão colorida, que revoluteia e ziguezagueia como um coro num espetáculo musical. Por dentro tremo de entusiasmo. Aquela porta é a minha entrada para outro mundo.

Estamos prestes a cruzar a soleira quando um homem de mármore negro e brilhante sai por ali fora com uma garrafa de champanhe numa mão e um cigarro aceso na outra.

- Samantha! - grita.

- Davide - berra Samantha, conferindo um sotaque francês ao nome.

- E quem és tu? - pergunta, olhando-me com uma curiosidade amigável.

- Carrie Bradshaw, senhor. - Estendo a mão.

- Que divinal - guincha. - Já não me chamavam senhor desde que usava calções. Não que alguma vez tenha usado calções. E onde tens tu escondido esta encantadora jovem?
- Dei com ela na soleira da minha porta.
- Chegaste dentro de um cesto, como Moisés? - pergunta.
- De comboio - responde.
- E o que te traz à Cidade Esmeralda?
- Oh. - Sorrio. E levando o conselho de Samantha à letra, despejo de uma só vez: - Vou ser uma escritora famosa.
- Como o Kenton! - exclama.
- Kenton James? - pergunto, sem fôlego.
- Há outro? Deve andar por aqui algures. Se tropeçares num homem muito pequeno com uma voz de caniche em miniatura, ficas a saber que o encontraste.

No instante seguinte, vejo David Ross quase na outra ponta da sala e Samantha sentada ao colo de um homem desconhecido.

- Estou aqui - faz-me um aceno do sofá.
 - Cruzo-me com uma mulher enfiada num macacão branco.
 - Acho que acabei de ver o meu primeiro Halston!
 - O Halston está cá? - pergunta Samantha.
- Se estou na mesma festa do que Halston e Kenton James, vou morrer.
- Estava a falar do macacão.
 - Oh, o macacão - diz, com um interesse exagerado para o homem por baixo de si. Do que posso ver dele, está bronzeado, tem um ar desportivo e as mangas enroladas até ao cotovelo.
 - Tu matas-me - diz ele.
 - Esta é a Carrie Bradshaw. Vai ser uma escritora famosa - declara Samantha, pegando na minha atoarda como se, de repente, fosse um facto consumado.

- Olá, escritora famosa. - Estende-me a mão, de dedos esguios e lustrosos como bronze.

- Este é o Bernard. O idiota com quem não dormi no ano passado - brinca ela.

- Não queria ser mais um troféu na tua coleção - responde Bernard, com uma voz arrastada.

- Já não ando à caça. Não sabias? - Estende a mão esquerda para que a inspecione. No seu anelar cintila um enorme diamante. - Estou noiva.

Dá um beijo no topo da cabeça escura de Bernard e varre a sala com o olhar.

- Quem é que tenho de espancar para conseguir uma bebida por estes lados?

- Eu vou - oferece-se Bernard. Põe-se de pé e, por um inexplicável momento, é como ver o meu futuro desvendado.

- Anda daí, escritora famosa. É melhor vires comigo. Sou a única pessoa lúcida no meio disto tudo. - Pousa as mãos nos meus ombros e conduz-me por entre a multidão.

Olho para trás, para Samantha, mas ela apenas sorri e acena, fazendo com que aquele brilhante gigantesco apanhe os últimos raios de sol. Como é que não tinha ainda reparado naquele anel?

Acho que estava demasiado ocupada a reparar em tudo o mais.

No Bernard. É alto e tem o cabelo escuro e liso. Um nariz grande e torto. Olhos verde-acastanhados e um rosto que passa de desgostoso a encantado a cada dois segundos, como se tivesse duas personalidades a puxá-lo em direções opostas.

Não consigo imaginar por que está a prestar-me tanta atenção, mas sinto-me fascinada. As pessoas não param de vir ter com ele para o felicitar, ao mesmo tempo que

farrapos de conversas revoluteiam em torno da minha cabeça como a penugem de um dente-de-leão.

- Nunca desistes, não é...
- O Crispin conhece-o e está aterrorizado...
- Eu disse: «E porque é que não tenta fazer um diagrama de uma frase...»
- Horrível. Até os diamantes dela pareciam sujos...

Bernard pisca-me o olho. E, de repente, o nome dele vem-me à cabeça saltando de um velho exemplar da revista *Time* ou *Newsweek*. Bernard Singer? O *dramaturgo*?

Não pode ser, penso em pânico, sabendo instintivamente que é.

Como raio é que isto aconteceu? Estou em Nova Iorque há exatamente duas horas e já estou com a gente bonita da cidade?

- Como é que dissesse que te chamas? - pergunta.
- Carrie Bradshaw. - O título da peça dele, a que ganhou o prémio Pulitzer, perfura a minha mente como um estilhaço de vidro: *Águas Cortadas*.
- É melhor devolver-te à Samantha antes de eu mesmo te levar para casa - ronrona.
- Eu não ia - digo, com acrimónia. O sangue lateja-me nos ouvidos. O meu copo de champanhe está a transpirar.
- Onde vives? - Aperta-me o ombro.
- Não sei.

Desata às gargalhadas.

- Uma órfã. És a Annie?
- Preferia ser Candide. - Estamos encostados a uma parede, junto das portadas que abrem para um jardim. Ele escorrega para baixo e ficamos com os olhos ao mesmo nível.

- De onde vieste?

Recordo o que Samantha me disse.

- E isso interessa? Estou aqui.

- Diabinho descarado - declara. E de repente, sinto-me contente por ter sido roubada. O ladrão levou-me a mala e o dinheiro, mas também levou a minha identidade. O que significa que, durante as próximas horas, posso ser quem eu quiser.

Bernard agarra-me pela mão e leva-me para o jardim. Um grande grupo de pessoas - homens, mulheres, velhos, novos, bonitos e feios - está sentado à volta de uma mesa de mármore, guinchando de riso e indignação como se a conversa exaltada fosse o combustível que os faz mover. Ele encaixa-nos entre uma mulher pequenina de cabelo curto e um homem de ar distinto com um casaco de linho indiano, às riscas azuis e brancas.

- Bernard - saúda-o a mulher numa voz ligeira. - Vamos ver a tua peça em setembro. - Todavia, a resposta de Bernard é afogada por um súbito grito de reconhecimento do homem sentado do outro lado da mesa.

Está envolto num casaco negro, volumoso, que parece um hábito de freira. Óculos de sol de lentes castanhas escondem-lhe os olhos e tem um chapéu de feltro enterrado na cabeça. A pele do seu rosto tem umas pregas suaves, como se estivesse embrulhada num tecido branco, leve.

- Bernard! - exclama. - Bernardo. Querido. Amor da minha vida. Arranjas-me uma bebida? - Descobre-me e estica um dedo trémulo. - Trouxeste uma criança!

A voz é estridente, aguda, quase inumana. Todas as células do meu corpo se contraem.

Kenton James.

A garganta aperta-se-me. Agarro no meu copo de champanhe e emboroco a última gota, ao mesmo tempo que sinto uma cotovelada do homem do casaco de linho. Ele acena com a cabeça a Kenton James.

- Não preste atenção ao homem por trás da cortina - diz, numa voz cem por cento patrícia, da Nova Inglaterra, baixa e segura. - É o álcool. Anos e anos. Destrói o cérebro. Por outras palavras, é um bêbedo sem remédio.

Faço um risinho de apreciação, como se soubesse exatamente do que está a falar.

- E não são todos?

- Agora que fala nisso, sim.

- Bernardo, *por favor* - implora Kenton. - É uma questão prática. És o que estás mais perto do bar. Não podes estar à espera que eu entre naquela suja massa de humanidade transpirada...

- Culpado! - grita o homem do casaco de linho.

- E o que tens vestido por baixo do roupão? - ruge Bernard.

- Há dez anos que estou à espera de ouvir essas palavras saírem dos teus lábios - diz, frenético, Kenton.

- Eu vou - digo, pondo-me de pé.

Kenton James começa a aplaudir.

- Fantástico. Por favor, toda a gente, tomem nota... é exatamente isto que as crianças deviam fazer. Buscar e trazer. Tens de trazer crianças às festas mais vezes, Bernie.

Afastei-me, relutante, queria ouvir mais, saber mais, não queria afastar-me de Bernard. Ou de Kenton James. O escritor mais famoso do mundo. O nome dele zumbe na minha cabeça e ganha velocidade como O Comboiozinho Otimista.

Surge uma mão estendida que me agarra o braço. Samantha. Tem os olhos tão brilhantes como o diamante. Há um ténue brilho húmido no seu lábio superior.

- Estás bem? Desapareceste. Estava preocupada contigo.

- Acabei de conhecer o Kenton James. Quer que lhe leve álcool.

- Não saias sem me avisares primeiro, *okay*?
- Não saio. Nunca vou querer sair.
- Boa. - Faz um grande sorriso e retoma a sua conversa.

A atmosfera aqueceu até à máxima potência. A música está aos berros. Os corpos contorcem-se, há um casal a curtir no sofá. Uma mulher gatinha pela sala com uma sela às costas. Dois empregados de bar estão a ser regados com champanhe por uma mulher gigantesca que usa espartilho. Agarro numa garrafa de vodca e atravesso a multidão a dançar.

Como se costumasse ir a festas como esta. Como se fizesse parte.

Quando regresso à mesa, uma mulher jovem, vestida de *Chanel* dos pés à cabeça, ocupou o meu lugar. O homem do casaco de linho está a imitar um ataque de elefante e Kenton James enterrou o chapéu até às orelhas. Saúda a minha chegada com prazer.

- Abram caminho para o álcool - grita, abrindo um espaço minúsculo ao seu lado. E, dirigindo-se à mesa, declara: - Um dia, esta criança vai mandar na cidade!

Enfio-me ao lado dele.

- Não é justo! - grita Bernard. - Tira as mãos da minha namorada.

- Não sou namorada de ninguém - digo.

- Mas vais ser, minha querida - declara Kenton, piscando um olho remeloso, num aviso. - E depois, vais ver. - Dá-me uma palmadinha na mão com a sua pata pequena e macia.

CAPÍTULO DOIS

Socorro!

Estou a sufocar, submersa em tafetá. Estou presa num caixão. Estou... morta?

Sento-me e liberto-me enquanto olho para o monte de seda negra que tenho no colo.

É o meu vestido. Algures durante a noite, devo tê-lo despido e posto sobre a minha cabeça. Ou será que alguém me despiu? Percorro com o olhar a obscuridade da sala de estar de Samantha, atravessada por uma rede fantasmagórica de raios de luz amarelos que iluminam os objetos vulgares da sua existência: uma série de fotografias na mesinha de apoio, uma pilha de revistas no chão, uma fila de velas no parapeito da janela.

O meu coração dá um salto quando recordo vagamente uma viagem de táxi atulhada de gente. Vinil azul a descascar e um tapete pegajoso. Vim escondida no chão do táxi apesar dos protestos do taxista, que não parava de dizer: «Não podem ser mais de quatro.» Éramos, de facto, seis, mas Samantha não parava de insistir que não. Houve risos histéricos. A seguir, uma subida a rastejar dos cinco lanços de escadas e mais música e chamadas telefónicas e um tipo com a maquilhagem da Samantha, e, algures depois disso, devo ter desabado sobre o *futon* e adormecido.

Em bicos de pés, vou ao quarto da Samantha, desviando-me das caixas abertas. Samantha vai mudar-se e o

apartamento está um caos. A porta do quartinho está aberta e a cama desfeita mas vazia, o chão juncado de sapatos e artigos de vestuário como se alguém tivesse experimentado tudo o que havia dentro do armário e atirado para longe cada uma das peças de roupa, com a pressa. Abro caminho até à casa de banho e, ziguezagueando por entre uma floresta de sutiãs e cuecas, transponho a borda da banheira antiga e abro o chuveiro.

Plano para o dia: descobrir onde possa viver sem ter de ligar ao meu pai.

O meu pai. O sabor desagradável do remorso invade-me a garganta.

Ontem não lhe telefonei. Não tive hipótese. É provável que, por esta altura, já esteja a morrer de preocupação. E se ele telefonou ao George? E se telefonou à minha senhoria? Talvez a polícia ande à minha procura, outra rapariga que desaparece misteriosamente na voragem de Nova Iorque.

Ponho champô no cabelo. De momento, não há nada que possa fazer.

Ou talvez não queira fazer nada.

Saio da banheira, inclino-me na direção do lavatório e olho para o reflexo da minha imagem enquanto o vapor do duche se evapora lentamente e a minha cara aparece.

Não tenho um aspetto diferente. Mas a verdade é que me sinto diferente.

É a minha primeira manhã em Nova Iorque!

Corro para a janela aberta e sinto a brisa fresca e húmida. O som do trânsito parece o marulhar das ondas que se desfazem suavemente na praia. Ajoelho-me no parapeito e olho para baixo, para a rua, com as palmas das mãos apoiadas no vidro... uma criança a espreitar para um imenso globo de neve.

Fico ali uma eternidade, a ver o dia acordar. Primeiro chegam os camiões, arrastando-se pela avenida como dinossauros, barulhentos e ocos, levantando os dentes para recolher o lixo ou varrendo a rua com as suas escovas espetadas. Depois começa o trânsito: um táxi isolado, seguido de um *Cadillac* prateado, a seguir as camionetas mais pequenas, com imagens de peixe, pão e flores, as carrinhas ferrugentas e uma parada de carrinhos de venda ambulante. Um rapaz com um casaco branco dá aos pedais de uma bicicleta com duas caixas de laranjas amarradas ao para-lamas. O céu passa de cinzento a um branco indolente. Passa um *jogger*, depois outro; um homem com uma bata de hospital azul faz um sinal frenético a um táxi. Três cãezinhos presos à mesma trela puxam por uma velha senhora no passeio, enquanto os comerciantes fazem subir as grades de metal gemebundas das montras das lojas. Os raios de sol iluminam as esquinas dos edifícios e, então, uma torrente de humanidade jorra dos degraus que vêm de baixo do passeio. As ruas enchem-se do barulho das pessoas, carros, música, martelos pneumáticos; os cães ladram e as sirenes gritam; são oito da manhã.

Altura de me pôr a mexer.

Vasculho a área em volta do *futon* à procura das minhas coisas. Enfiado por baixo de uma almofada está um papel de esquisso, com as bordas ligeiramente engorduradas e amarrotadas, como se me tivesse deitado com ele agarrado junto ao peito. Analiso o número de telefone de Bernard e os seus números muito bem desenhados e nítidos. Na festa fez um grande espalhafato quando escreveu o número e me entregou dizendo: «Para o caso de ser preciso.» Significativamente não me pediu o meu número, como se ambos soubéssemos que o voltarmos a ver-nos teria de ser uma decisão minha.

Guardo o papel na mala com todo o cuidado e é quando encontro o recado, preso por baixo de uma garrafa de champanhe vazia. Tem escrito:

*Querida Carrie,
O teu amigo George telefonou. Tentei acordar-te, mas não consegui.
Deixeite uma nota de vinte. Pagas-me quando puderdes.
Samantha.*

E por baixo, uma morada. Do apartamento para onde devia ter ido ontem mas não fui. Ao que parece, acabei mesmo por telefonar ao George ontem à noite.

Pego no recado, à procura de pistas. A letra de Samantha é estranhamente infantil, como se a parte do cérebro dela que comanda a escrita nunca tivesse avançado para além do sétimo ano. Relutante, visto o meu fato de tecido leve, agarro no telefone e ligo ao George.

Dez minutos mais tarde, desço as escadas aos pontapés à minha mala. Abro a porta e saio para a rua.

O meu estômago rosna como se estivesse esfaimado. Não só com falta de comida, mas de tudo: o barulho, a excitação, o louco zumbido de energia que pulsa por baixo dos meus pés.

Mando parar um táxi, abro a porta e iço a minha mala para o banco de trás.

- Para onde? - pergunta o taxista.
- Rua Quarenta e Sete Leste - grito.
- É para já! - responde o motorista, enfiando o táxi no meio da confusão do trânsito.

Acertamos num buraco e, por instantes, sou projetada do meu assento.

- São aqueles malditos motoristas de Nova Jérsia. - O taxista espeta o punho para fora da janela e eu imito-o. E é

quando me ocorre: é como se sempre tivesse vivido aqui. Como se tivesse saído da cabeça de Zeus: uma pessoa sem família, sem raízes, sem *história*.

Uma pessoa completamente nova.

Enquanto o táxi manobra perigosamente por entre o trânsito, eu estudo as caras das pessoas que passam. A humanidade aqui é de todos os tamanhos, feitios e cores e, contudo, estou convencida de que em cada cara descortino uma afinidade que transcende todas as fronteiras, como se ligados pelo saber secreto de que estamos no centro do universo.

Agarro-me à minha mala, temerosa.

O que disse a Samantha é verdade: não quero ir-me embora, nunca mais. E agora tenho sessenta dias para descobrir forma de ficar.

Ver George Carter traz-me de volta à terra com um sacão. Está devidamente sentado ao balcão da cafeteria na esquina entre a Rua Quarenta e Sete e a Segunda Avenida, onde combinámos encontrar-nos antes de ele ter de correr para o seu emprego de verão no *The New York Times*. Pelo trejeito na boca dele, consigo perceber que está exasperado - há apenas vinte e quatro horas que cheguei a Nova Iorque e já estou fora dos eixos. Nem sequer fui capaz de chegar ao apartamento onde estava combinado que ficasse. Dou-lhe uma palmadinha no ombro e ele vira-se, com uma expressão a um tempo aliviada e irritada.

- O que foi que te aconteceu? - exige saber.

Pouso a mala e sento-me no banco ao lado do dele.

- Roubaram-me a carteira. Não tinha dinheiro. Por isso, fui ter com uma rapariga que é prima de uma das minhas amigas de Castlebury. Ela levou-me a uma festa e...

George suspira.

- Não devias dar-te com gente dessa.
- Por que não?
- Não os conheces.
- E depois? - Agora estou irritada. É o problema do George. Age sempre como se fosse o meu pai ou coisa parecida.
- Preciso que me prometas que vais passar a ter mais cuidado.

Faço uma careta.

- Carrie, estou a falar a sério. Se te meteres noutra confusão, não vou estar cá para te ajudar a safar.
- Estás a abandonar-me? - pergunto na brincadeira. Há um ano que George tem uma paixoneta por mim. E é um dos meus melhores amigos. Se não fosse o George, eu poderia não estar sequer em Nova Iorque.

- Na realidade, estou - diz, fazendo deslizar três notas de vinte dólares na minha direção. - Isto deve chegar para te safares. Podes pagar-me quando fores para a Brown.

Os meus olhos vão das notas à cara dele. Não está a brincar.

- O *Times* vai mandar-me para Washington durante o verão. Vou poder fazer algumas reportagens, por isso aceitei.

Estou atónita. Não sei se hei de dar-lhe os parabéns se zurzi-lo por me abandonar.

O impacto do seu abandono atinge-me e o chão foge-me de debaixo dos pés. George é a única pessoa que conheço, de facto, em Nova Iorque. Estava a contar com ele para me ajudar a orientar-me. E agora vou ter de me desenvincilar sem ele?

Como se lesse os meus pensamentos, ele diz:

- Vais ficar bem. Limita-te ao essencial. Vai às aulas e faz o teu trabalho. E tenta não te misturares com gente maluca,

está bem?

- Claro - respondo. O que não seria um problema se eu não fosse um tanto louca também.

George pega na minha mala e dobramos a esquina, em direção a um prédio de apartamentos, de tijolo branco. Um toldo verde, maltratado, com as palavras APARTAMENTOS WINDSOR, protege a entrada.

- Não está mal - nota George. - Perfeitamente respeitável. Dentro da porta de vidro há uma fila de botões. Carrego no que diz 15E.

- Sim? - uma voz aguda sai do intercomunicador.

- É a Carrie Bradshaw.

- Bem - diz a voz, num tom que faria talhar umas natas. - Já não era sem tempo.

George dá-me um beijo na face ao mesmo tempo que soa um zumbido e a segunda porta se abre.

- Boa sorte - diz, e faz uma pausa antes de me dar um último conselho: - *Por favor*, telefonas ao teu pai? Tenho a certeza de que está preocupado contigo.

CAPÍTULO TRÊS

- É a Carrie Bradshaw? - É uma voz de rapariguinha mas exigente, como se quem telefona estivesse um tanto aborrecida.

- Si-i-i-im - digo, cautelosa, perguntando-me quem poderia ser. É a minha segunda manhã em Nova Iorque e ainda não tivemos a primeira aula.

- Tenho a sua carteira - anuncia a rapariga.

- Quê?! - quase deixo cair o telefone.

- Bom, não fique demasiado animada. Encontrei-a no lixo. Alguém despejou verniz das unhas em cima dela. Pensei em deixá-la ficar no lixo, mas depois lembrei-me: O que é que eu queria que fizessem se eu tivesse perdido a minha carteira? Por isso, estou a telefonar.

- Como é que me encontrou?

- O seu livro de endereços. Ainda estava na carteira. Vou estar à frente do Saks a partir das dez horas se quiser vir buscá-la - diz. - É impossível não dar comigo. Tenho cabelo vermelho. Pintei-o da mesma cor das latas de sopa da *Campbell's*. Em honra de Valerie Solanas. - Faz uma pausa - O *Manifesto SCUM*¹? Andy Warhol?

- Oh, claro. - Não faço a mínima ideia do que ela está a falar. Mas não vou admitir a minha ignorância. Além do mais, esta rapariga soa um pouco... bizarra.

- Boa, vemo-nos à frente do Saks. - Ela desliga antes de conseguir perguntar-lhe o nome.

Iupiiii! *Eu sabia*. Durante todo o tempo em que a minha carteira Carrie esteve desaparecida, tive a estranha premonição de que iria recuperá-la. Foi como uma daquelas coisas tiradas dos livros de controlo da mente: visualize o que quer e obtê-lo-á.

- Ah-ham!

Levanto os olhos da minha cama para a cara esfregada e rosada da minha senhoria, Peggy Meyers. Enfiou-se dentro de um fato de borracha cinzento tão justo como a pele de uma salsicha. O fato, combinado com a sua cara redonda e reluzente, dá-lhe uma fantástica parecença com o Homem Michelin.

- Foi uma chamada para fora?

- Não - respondeo, ligeiramente ofendida. - Telefonaram-me a *mim*.

O suspiro dela é uma rigorosa combinação de maçada e desapontamento.

- Não vimos as regras?

Assinto com a cabeça, de olhos arregalados, fingindo estar com medo.

- Todas as chamadas devem ocorrer na sala de estar. E nenhuma chamada pode durar mais de cinco minutos. Ninguém precisa de mais de cinco minutos para comunicar. E todas as chamadas para fora devem ser devidamente registadas no livro.

Devidamente, penso. É uma boa palavra.

- Tens alguma questão? - pergunta.

- *Nope*. - Abano a cabeça.

- Vou correr. A seguir tenho audições. Se decidires sair, verifica que levas as chaves.

- Sim. Prometo.

Ela detém-se, repara no meu pijama de algodão e franze a testa:

- Espero que não estejas a pensar voltar a dormir.
- Vou ao Saks.

Peggy franze os lábios, desaprovadora, como se só os indolentes fossem ao Saks.

- A propósito, o teu pai telefonou.
- Obrigada.
- E lembra-te, todas as chamadas de longa distância são a pagar no destino. - Sai num passo pesado, como uma múmia. Se mal consegue andar, enfiada naquele fato de borracha, como é que poderá correr?

Só conheço Peggy há vinte e quatro horas, mas já não nos entendemos. Podia dizer-se que é ódio à primeira vista.

Quando cheguei, ontem de manhã, desgrenhada e um pouco desorientada, o primeiro comentário dela foi:

- Ainda bem que decidiste aparecer. Estava a ponto de dar o teu quarto a outra pessoa.

Olhei para Peggy, que suspeitei ter sido bonita em tempos mas que não passa agora de uma flor murcha, e quase desejei que *tivesse* dado o quarto.

- Tenho uma lista de espera com mais de um quilómetro - prosseguiu. - Vocês, miúdos que vêm de fora, não fazem a mínima ideia - *a mínima* - de como é impossível arranjar um sítio decente em Nova Iorque.

A seguir, fez-me sentar no sofá de dois lugares verde e informou-me das «regras»:

Nada de visitas, especialmente masculinas.

Nada de amigos a passar a noite, especialmente masculinos, mesmo que ela tenha ido passar o fim de semana fora.

Nada de consumir a comida dela.

Nada de chamadas telefónicas com mais de cinco minutos - tem de ter a linha livre para o caso de receber uma chamada para ir fazer uma audição.

Nada de chegar a casa depois da meia-noite – podemos acordá-la e ela precisa de todos os minutos do seu sono.

E, acima de tudo, nada de cozinhar. Não quer ter de limpar a porcaria que fizermos.

Céus. Até mesmo um *hamster* tem mais liberdade do que eu.

Espero até ouvir a porta da frente bater nas costas dela e dou uma pancada com força na parede de contraplacado encostada à minha cama.

– Ding, dong, a bruxa morreu! – chamo.

L'il Waters, uma rapariga pequenina e com ar frágil, desliza pela porta de contraplacado que une as nossas celas.

– Encontraram a minha carteira! – exclamo.

– Oh, querida, mas que maravilha. É uma daquelas coincidências mágicas de Nova Iorque. – De um salto senta-se na ponta da cama, quase a virando. Nada neste apartamento é real, divisórias, portas e camas incluídas. Os nossos «quartos» foram construídos numa parte da sala de estar, formando dois espaços minúsculos de um metro e oitenta por três com espaço para um divã de campanha, uma mesinha de armar e uma cadeira, um toucador minúsculo com duas gavetas e uma luz de leitura. O apartamento está situado mesmo junto à Segunda Avenida, pelo que passei a designar-me a mim e à L'il como *As Prisioneiras da Segunda Avenida* a partir do filme de Neil Simon.

– Mas e a Peggy? Ouvi-a aos gritos contigo. Eu disse-te para não usares o telefone no teu quarto – suspira L'il.

– Pensei que ela estava a dormir.

L'il abana a cabeça. Ela está no mesmo programa que eu na Nova Escola, mas chegou uma semana mais cedo para se adaptar, o que também significa que ficou com o quarto

um pouco melhor. Tem de passar pelo meu espaço para chegar ao dela, pelo que tenho ainda menos privacidade do que ela.

- A Peggy levanta-se sempre cedo para ir correr. Diz que tem de perder dez quilos...

- Com aquele fato de borracha vestido? - pergunto, atónita.

- Diz que a faz suar a gordura toda.

Olho para L'il, avaliando-a. É dois anos mais velha do que eu, mas parece ser cinco anos mais nova. Com uma estatura de passarinho, é uma daquelas raparigas que, muito provavelmente, vai parecer ter doze anos durante a maior parte da vida. Mas há que não subestimar a L'il.

Quando nos conhecemos, ontem, brinquei com o aspeto que «L'il» teria na capa de um livro, mas ela limitou-se a encolher os ombros e a dizer:

- O meu nome literário é E. R. Waters. Elizabeth Reynolds Waters. É mais fácil ser publicada se as pessoas não souberem que és uma rapariga. - E mostrou-me dois poemas que publicara na revista *The New Yorker*.

Quase caí para o lado.

A seguir, contei-lhe que tinha conhecido Kenton James e Bernard Singer. Sabia que conhecer escritores famosos não é a mesma coisa que ser publicada, mas achei que era melhor do que nada. Até lhe mostrei o papel onde Bernard Singer escrevera o número de telefone dele.

- Tens de lhe telefonar - disse.

- Não sei. - Não queria dar muita importância àquilo.

Pensar no Bernard deixou-me feita em gelatina até Peggy vir mandar-nos estar caladas.

Agora faço um sorriso matreiro à L'il.

- Olha lá - digo -, é verdade que a Peggy vai a audições metida naquele fato de borracha? Imaginas o cheiro?

L'il faz um sorriso.

- Ela é membro de uma cadeia de ginásios. Os Lucille Roberts. Diz que vai lá tomar um duche antes. É por isso que anda sempre tão maluca. Anda a suar e a tomar duches pela cidade toda.

Isto dá cabo de nós e caímos em cima da minha cama às gargalhadas.

A rapariga do cabelo vermelho tem razão: não tive dificuldade em encontrá-la.

Na realidade, é impossível não dar por ela, plantada no passeio à frente do Saks, agarrada a um grande cartaz onde se lê ABAIXO A PORNOGRAFIA de um lado e A PORNOGRAFIA EXPLORA AS MULHERES do outro. Atrás dela há uma mesinha coberta de imagens gráficas de revistas pornográficas. «Mulheres acordem! Digam não à pornografia!», grita.

Acena-me com o cartaz:

- Quer assinar uma petição contra a pornografia?

Estou prestes a explicar-lhe quem sou, quando uma estranha me interrompe.

- Oh, por favoooor - murmura a mulher, passando ao nosso lado. - Algumas pessoas deviam ter mais que fazer do que andar a meter o nariz na vida sexual dos outros.

- Ei - berra a rapariga do cabelo vermelho. - Eu ouvi isso, sabe? E não apreciei lá muito.

A mulher gira nos calcanhares.

- E...?

- O que é que sabe da minha vida sexual? - exige saber. Tem o cabelo cortado tão curto como o de um rapaz e, tal como prometido, pintado de um vermelho-tomate vivo. Usa botas de obras e fato-macaco e, por baixo, uma *T-shirt* roxa, rasgada.

- Querida, é óbvio que não tens nenhuma - responde a mulher, com um sorriso afetado.

- Ai sim? Talvez eu não tenha tanto sexo como tu, mas tu és uma vítima do sistema. O patriarcado fez-te uma lavagem ao cérebro.

- O sexo vende - diz a mulher.

- À custa das mulheres.

- Ridículo. Já alguma vez pensaste que algumas mulheres *gostam*, de facto, de sexo?

- E...? - a rapariga deita-lhe um olhar feroz e eu aproveito a acalmia momentânea para me apresentar rapidamente.

- Sou a Carrie Bradshaw. Telefonaste-me. Tens a minha carteira?

- *Tu* és a Carrie Bradshaw? - parece desapontada. - O que andas a fazer com ela? - espeta o polegar na direção da mulher.

- Nem sequer a conheço. Se pudesses dar-me a minha carteira...

- Toma - diz a rapariga de cabelo vermelho, como se já estivesse farta. Pega na mochila, tira de lá a minha carteira Carrie e entrega-ma.

- Muito obrigada - digo-lhe, agradecida. - Se houver alguma coisa que eu possa fazer...

- Esquece - responde, orgulhosa. Pega no cartaz e aborda uma mulher mais velha, com um colar de pérolas. - Quer assinar uma petição contra a pornografia?

A senhora idosa sorri.

- Não, muito obrigada, querida. Bem vistas as coisas, qual é a vantagem?

A rapariga de cabelo vermelho fica momentaneamente descoroçada.

- Olha - digo. - Eu assino a tua petição.

- Obrigada - responde, estendendo-me uma caneta.

Escrevinho o meu nome e desço a Quinta Avenida. Vagueio por entre a multidão a imaginar o que a minha mãe

pensaria acerca da minha estada em Nova Iorque. Talvez esteja a proteger-me, a tratar de que a rapariga de cabelo vermelho encontrasse a minha carteira. A minha mãe também era feminista. No mínimo, teria ficado orgulhosa por eu ter assinado a petição.

- Cá estás tu! - grita L'il. - Estava com medo de que te atrasasses.

- *Nope* - digo, arquejante, e junto-me a ela no passeio à frente da Nova Escola. O caminho até à Baixa da cidade fora muito mais comprido do que pensava e os meus pés estão a dar cabo de mim. Mas ao longo do caminho fui vendo muitas coisas interessantes: o rinque de patinagem no Rockefeller Center. A Biblioteca Pública de Nova Iorque. A Lord & Taylor. Uma coisa chamada Edifício Brinquedo.

- Tenho a minha carteira - anuncio, erguendo-a.

- A Carrie foi roubada na primeira hora que passou em Nova Iorque - L'il humilha-me aos olhos de um rapaz giro, de olhos azuis e cabelo preto ondulado.

Ele encolhe os ombros.

- Isso não é nada. O meu carro foi assaltado na segunda noite que cá passei. Partiram o vidro e levaram o rádio.

- Tens carro? - pergunto, surpreendida. Peggy disse-nos que em Nova Iorque ninguém tem carro. Espera-se que as pessoas andem a pé e apanhem o autocarro ou o metro.

- O Ryan é do Massachusetts - diz L'il como se isto explicasse tudo. - Também está na nossa turma.

Estendo a mão.

- Carrie Bradshaw.

- Ryan McCann. - Tem um sorriso pateta, doce, mas os olhos dele perfuraram-me como que a avaliar a competição.

- O que pensas do nosso professor, o Viktor Greene?

- Acho que é extraordinário - L'il intromete-se. - É o que eu considero um artista a sério.

- Pode ser artista, mas é definitivamente assustador - responde Ryan, espicaçando-a.

- Mal o conheces - diz L'il, exasperada.

- Esperem aí. Vocês já *estiveram* com ele? - pergunto.

- Na semana passada - diz Ryan, descontraído. - Tivemos as nossas reuniões individuais. Tu não?

- Não sabia que esperavam que tivéssemos reuniões individuais - balbucio. Como foi que isto aconteceu? Já estou atrasada?

L'il deita um olhar zangado a Ryan.

- Nem toda a gente teve uma reunião individual. Só se fazia se a pessoa chegasse a Nova Iorque mais cedo. Não importa.

- Ei, miúdos, querem vir a uma festa?

Viramo-nos. Um tipo com o sorriso do gato de Cheshire estende-nos uns postais.

- É no Edifício Puck. Quarta à noite. Entrada livre se chegarem antes das dez.

- Obrigado - Ryan agradece enquanto o rapaz estende um postal a cada um e se afasta.

- Conhece-lo? - pergunta L'il.

- Nunca o vi na vida. Mas é fixe, não é? - diz Ryan. - Conheces outro sítio onde um absoluto estranho chega ao pé de ti e te convida para uma festa?

- Juntamente com mil outros estranhos - acrescenta L'il.

- Só em Nova Iorque, miúdas - diz Ryan.

Entramos e eu olho para o postal. Na parte da frente tem a imagem de um Cupido de pedra, sorridente. Por baixo, estão as palavras AMOR. SEXO. MODA. Dobro o postal e enfio-o na mala.

[1](#) Society for Cutting Up Men. (N. da T.)

CAPÍTULO QUATRO

Ryan não estava a brincar. Viktor Greene é estranho.

Em primeiro lugar, anda inclinado. Parece que alguém o deixou cair do céu e ele nunca conseguiu encontrar as suas pernas de marinheiro aqui na terra. Depois há o bigode. Farfalhudo e brilhante por cima do lábio superior, curva-se, desanimado, de cada lado da boca como um par de sorrisos tristes. Está sempre a acariciar o bigode como se fosse um animal de estimação.

- Carrie Bradshaw? - pergunta, consultando a lista.

Levanto a mão.

- Está aqui.

- *Sou eu* - corrige. - Uma das coisas que vão aprender neste seminário é gramática correta. Descobrirão que melhora também a vossa maneira de falar.

Fico vermelha. Cinco minutos na minha primeira aula de escrita a sério e já causei má impressão.

Ryan prende-me o olhar e pisca o olho como que a dizer «Eu bem te disse».

- Ah, e eis aqui a L'il. - Viktor Greene acena com a cabeça enquanto dá ao bigode mais umas palmadinhas reconfortantes. - Já toda a gente conhece a menina Elizabeth Waters? É uma das nossas escritoras mais promissoras. Tenho a certeza de que vamos ouvir falar muito dela.

Se Viktor Greene dissesse uma coisa destas a meu respeito, eu ficaria com medo de que toda a turma me